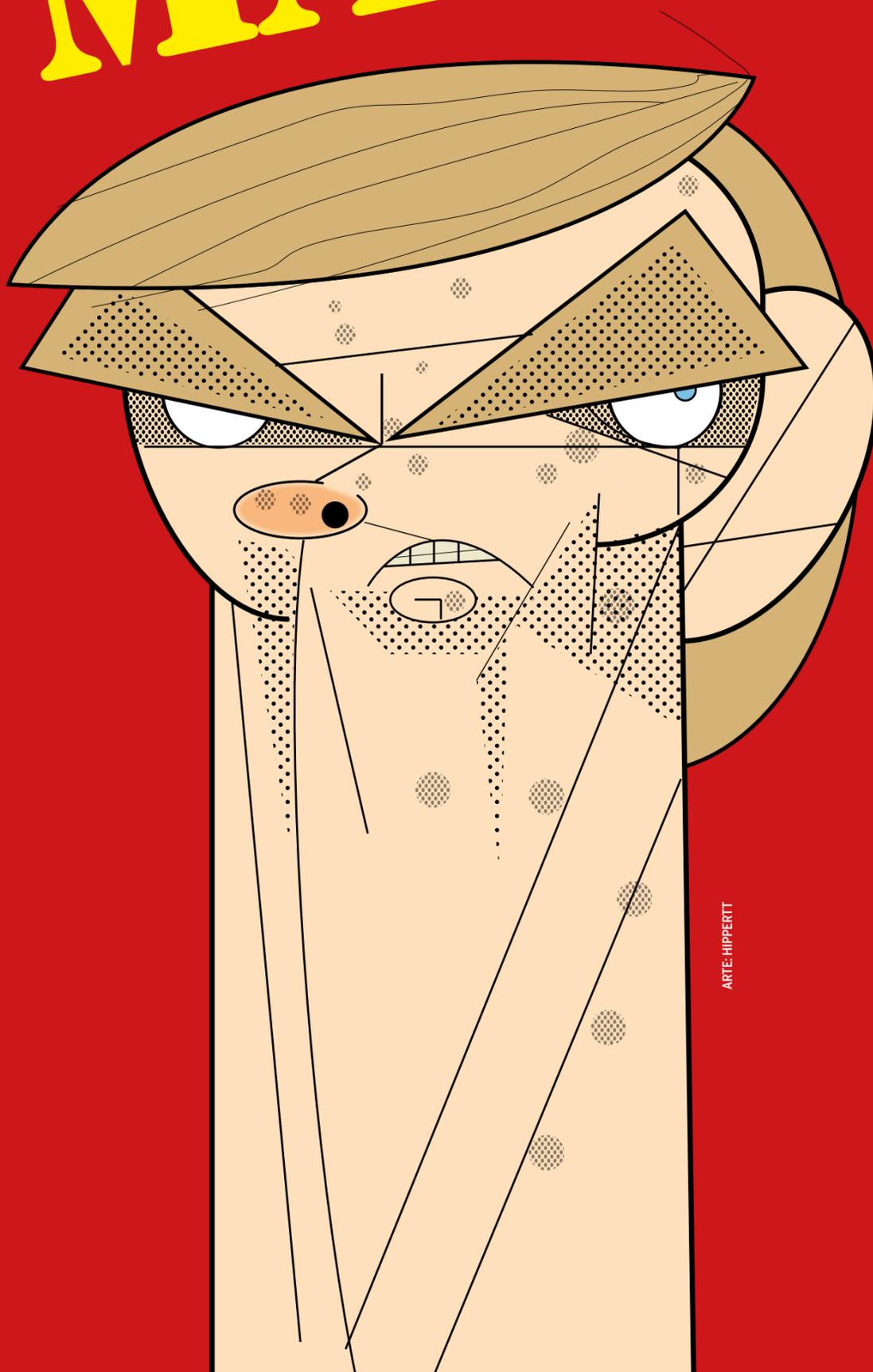


AdUFRJ

1354 • 28 de março de 2025 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

JAIR: NUNCA MAIS



ARTE: HIPPERT

A 'VOLTA' DE DARWIN A MACAÉ

Evento no Nupem promove debate sobre a evolução e marca a inauguração de novo museu dedicado à História Natural, o primeiro do gênero no Norte Fluminense

RENAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

Em 1832, depois de atracar o HMS Beagle no Porto do Rio de Janeiro, o naturalista britânico Charles Darwin conheceu um irlandês dono de terras em Conceição de Macabu, na época um distrito da Vila de São João de Macaé. O convite do fazendeiro possibilitou o primeiro contato do naturalista com a biodiversidade da Mata Atlântica.

Quase dois séculos depois, Darwin retornou à Macaé. A Sociedade Brasileira de Genética e a Sociedade Brasileira de Biologia Evolutiva promoveram o Darwin Day entre os dias 24 e 26 de março no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ (Nupem). Foram três dias de atividades para promover a disseminação de conhecimentos sobre a evolução da vida no planeta Terra.

O evento começou com a inauguração do Biomuseu do Nupem, o primeiro museu de História Natural do Norte Fluminense. "É um espaço dedicado à divulgação científica,



DIVULGAÇÃO/NUPEM

ca, à educação ambiental e ao encantamento com a natureza", disse o professor Rodrigo Nunes da Fonseca, diretor da AdUFRJ e um dos responsáveis pela organização. "Reunir comunidade, estudantes, professores e visitantes em torno desses temas fortalece nosso compromisso com a Ciência e com a construção de um futuro mais consciente e sustentável", completou.

A professora Cíntia Monteiro de Barros, diretora do Nupem, exaltou o museu como um espaço de inspiração e aprendizado para os estudantes e pesquisadores. "Nosso compromisso é fortalecer a edu-

cação científica e estimular o interesse pela biodiversidade e sua preservação".

EVOLUÇÃO

A professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, órgão que gere as políticas de difusão cultural e divulgação científica, esteve presente na abertura do evento. "Foi um prazer encontrar crianças e jovens no lançamento. O museu vai aproximar essa juventude da Biologia", comentou.

A seção dos animais taxidermizados fez sucesso entre o público infantil. O professor Pablo Rodrigues Gonçalves

explicou que o Nupem recebe animais da região atropelados na rodovia BR-101. "As crianças ficam encantadas. São memórias que ficam para o resto da vida", afirmou.

Além da exposição sobre a história da evolução e os ecossistemas atuais, o instituto abrirá as coleções científicas ao público. "É como uma biblioteca da fauna e da flora. As turmas de ensino básico vão poder ver como estudamos esses animais".

Gonçalves participou de uma mesa de debate sobre o ensino de evolução na graduação e no Ensino Médio. Professores de colégios públicos compareceram e compartilharam as dificuldades do dia a dia.

"Além da falta de material para aulas práticas, o negacionismo provocado pelo fanatismo religioso foi citado por muitos professores da rede pública", afirmou o docente. "Houve relatos de pais que foram à escola reclamar, esbravejando que o filho não veio do macaco. O professor precisa contemporizar, dizer que é apenas uma visão que não compete com a religiosa", ponderou.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



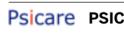
MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



RIO DE JANEIRO E MACAÉ



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIA



WELLHUB

UFRJ começa a atender recomendações do Iphan

> Revisão dos quadros elétricos e limpeza já foram realizadas. Próximo passo é a capina da área ao lado da piscina, revisão das janelas e esquadrias e retirada do forro do corredor paralelo à Pasteur

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A AdUFRJ voltou ao Palácio Universitário uma semana após a visita da comitiva do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) à Capela São Pedro de Alcântara. O cenário já está bem diferente daquele registrado na tarde de 18 de março.

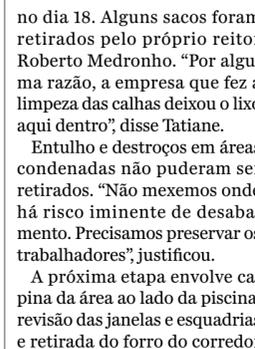
Por recomendação do Iphan, houve vistoria elétrica e limpeza da capela e áreas adjacentes, além de outras regiões do palácio. Todos os quadros de energia foram revisados e estão agora dentro das determinações de segurança. Não há mais improvisações elétricas nos quadros de força, salões de eventos ou corredores. As gambiarras sumiram. "Essas emendas em fios e as extensões eram instalações provisórias para alimentar ventiladores e equipamentos, principalmente nos salões de eventos", explicou o engenheiro eletricista Antônio Borrê, da Prefeitura Universitária. "Havia essa prática por conta da distribuição da energia que é muito ruim, já que o prédio é tombado e não foi projetado para as demandas dos dias atuais", afirmou.

A equipe da PU retirou as ligações provisórias. "Todas as não conformidades elétricas foram retiradas e nós o fizemos a pedido da reitoria, uma vez que esta área interna não é de responsabilidade da prefeitura, mas do Escritório Técnico", observou. "Vimos dar um suporte".

Na visita, a reportagem conferiu também a limpeza dos acessos à capela queimada e ao interior da edificação. "Não fazíamos limpeza dessa área porque não tínhamos autorização para acessar essa região do palácio", informou Tatiane dos Santos, encarregada de limpeza da empresa terceirizada Atlântica, que presta serviços na Praia Vermelha.

Com a determinação da administração central, a equipe conseguiu trabalhar na área restrita ao público. "Podemos acessar a região, retirar todas as fezes de morcego e de gambá, varrer, lavar, desinfetar, além de retirar os sacos de lixo do interior da capela", contou a funcionária.

O lixo citado por Tatiane foi flagrado pela equipe do Iphan



TESTEMUNHA DO INCÊNDIO

Durante a visita, encontramos o senhor Alonso João Bravin. Ele era porteiro da capela e estava no prédio quando o incêndio começou. "Eu vi a cruz de madeira pegar fogo", lamentou, ao se recordar do fatídico 28 de março de 2011. "Organizei o que pude, guardei o que deu, do pouco que restou", contou. Diante do Cristo sem cruz, Bravin suspirou: "É uma tristeza ver essa cena tantos anos depois".

Má infraestrutura do CAp é tema de ato no Consuni

> Alunos e professores apresentaram problemas acumulados em anos de falta de recursos para o Colégio. Quadra está interditada há três meses. Bebedouros e espaço não atendem demanda

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A comunidade escolar do Colégio de Aplicação (CAp-UFRJ) realizou um protesto durante o Conselho Universitário da quinta-feira (27). A pauta era uma só: melhoria nas condições de ensino e de trabalho. A quadra do CAp está interditada há três meses pelo risco de desabamento do muro que cerca a escola.

Este é só um de uma série de problemas listados nas falas da estudante Sofia Mayumi e da professora Renata Flores. Entre os destaques estão as dificuldades de oferecer alimentação aos alunos e os problemas de espaço da unidade.

“A situação do colégio está cada vez mais deplorável. A gente fica afastado, mas a gente é UFRJ”, protestou Sofia, representante do Grêmio Estudantil. “Os bebedouros da escola não comportam a demanda”, disse. “A educação infantil precisa levar galão próprio”, contou.

Outro motivo de reclamação foi a alimentação. O CAp só fornece refeição aos alunos em tempo integral. “Nós temos direito a almoço, independentemente se estamos em tempo integral ou não”, alertou. “Não temos cozinha própria, não temos quadra, não temos portão de saída”, relatou. “Somos centenas de alunos que temos que nos apertar no horário da saída em um portão por onde não passam nem três pessoas juntas”. O portão indicado para a saída dos estudantes fica na área interditada e por isso não está sendo utilizado.

Renata Flores, representante dos docentes do CAp, reconheceu que os problemas decorrem do orçamento insuficiente. “Infelizmente, não somos a única unidade que atravessa situações precárias. Nossa situação não é nova, mas só se agudiza sem uma política de manutenção das instalações”, disse.

Outra consequência da infraestrutura degradada é a restrição ao recebimento de estudantes da Educação Infantil. “A gente tem um segmento inteiro desalojado, colocado em um prédio que já não nos comportava. Por conta disso, a gente está com o atendimento à Educação Infantil restringido”, disse. “Deveríamos receber crianças de dois anos, mas só podemos recebê-las a partir de quatro anos,



FOTOS: BEATRIZ MAGNO



afirmou. “A falta de autonomia financeira do CAp nos impede de lidar com questões triviais, como a troca de um vidro quebrado”, reclamou. “Escola sem quadra e com muro caindo para os filhos da Minerva, não!”

Roberto Medronho estava em Brasília — prometeu que, entre agosto e setembro, a universidade entregará as novas instalações para a Educação Infantil. “Estamos muito preocupados com a questão da infraestrutura física da UFRJ”, disse. “A ideia é que a partir de agosto ou setembro a gente já tenha as novas

instalações do CAp Educação Infantil aqui na Cidade Universitária”. Ela também afirmou que está na agenda da reitoria oferecer refeições a todos os estudantes do CAp. Mas não deu prazo para atender a demanda. O novo diretor do Escritório Técnico Universitário (ETU), professor Wagner Nahas, disse

que fará uma visita ao colégio na próxima semana para avaliar as questões de infraestrutura do prédio. E informou que haverá em curto prazo uma intervenção na edificação. “Há um processo em andamento, já com orçamento. Em breve repassaremos esse material à PR-6”, garantiu.



FOTOS: SILVANA SÁ

Ônibus velhos e quebrados ameaçam trabalhos do IGEO

> Preocupação com manutenção da frota levou estudantes da Geologia ao Consuni. Trabalhos de campo foram cancelados por falta de transporte. Em fevereiro, ônibus quebrou no meio da estrada

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Um dos diferenciais da UFRJ é oferecer aos estudantes de cursos como Geologia, Geografia e Biologia a experiência de realizar trabalhos e aulas de campo para estudar in loco os temas de suas aulas. O problema é que essas saídas para campo estão cada vez mais comprometidas pelas dificuldades orçamentárias enfrentadas pela universidade. Os recursos são insuficientes para dar conta da manutenção dos veículos que levam os estudantes para os trabalhos externos.

Para se ter uma ideia, no primeiro semestre do ano passado, apenas três dos 74 trabalhos de campo previstos pelo Instituto de Geociências foram realizados. A frota oficial da universidade tem dez ônibus. Os mais novos são de 2010. O mais antigo, de 2005. No caso das vans, são 22 fabricadas entre 2005 e 2011.

O tema levou estudantes de diferentes períodos do curso



LARISSA CAETANO/ARQUIVO ADUFRJ

de Geologia, do Instituto de Geociências, ao Conselho Universitário na quinta-feira (27). As agruras enfrentadas pelos alunos foram relatadas por Mariana Garcia, do quinto período. “Desde 2017 temos um processo aberto para ter uma frota nova. No ano passado, só cerca de 25% dos nossos campos obrigatórios saíram”, criticou. “O campo está

na ementa do nosso curso. O geólogo é formado no campo”, ponderou a estudante.

“Em fevereiro deste ano, o ônibus quebrou deixando os alunos esperando os veículos da seguradora por 32 horas”, relatou Mariana. “Isso a 13 horas do Rio de Janeiro. Esperamos sem notícia nenhuma. Os nossos motoristas ficaram dormindo

lá para garantir a conservação do patrimônio da UFRJ e dos nossos bens”.

Outro grave relato feito pela aluna foi a falta de freio do ônibus durante outro trabalho de campo. “Temos relatos de estudantes que desceram a Serra das Araras com esse ônibus sem freio”, disse. “Caso não haja uma conversa franca e solução por

parte da reitoria, nós entraremos em greve. Não retornaremos às atividades em sala de aula”, afirmou.

A reitora em exercício, a professora Cássia Turci, afirmou que a administração central está preocupada com a questão da frota da universidade e empenhada em solucionar o problema, mas esbarra na falta de recursos. “Não é razoável alugar transporte porque os locais onde vamos nos trabalhos de campo muitas vezes são em regiões que os veículos alugados não acessam”, explicou. “A gente precisa preservar nosso patrimônio. O aluguel não é uma solução”, disse.

Turci disse que já há uma reunião marcada para discutir a possibilidade de compra de um ônibus. “Não basta ter o recurso, a gente também precisa ter a autorização para esse recurso”, disse. “Esse ano recebemos R\$ 2 milhões para investimento e o ônibus custa em torno de R\$ 1,5 milhão”, ilustrou. “Esperamos resolver esta questão em breve para que todas as unidades que possuem trabalho de campo possam ter segurança nas atividades”, afirmou.

ADUFRJ VAI SE REUNIR COM A REITORIA PARA MEDIAR SOLUÇÃO PARA O IGEO

A diretoria da AdUFRJ se reuniu com o diretor do Instituto de Geologia da UFRJ, professor Edson Farias Mello, na última segunda-feira, dia 24. Presidenta do sindicato, a professora Mayra Goulart colocou a seção sindical à disposição do instituto, para mediar negociações com a reitoria no sentido de solucionar os problemas envolvendo a frota da universidade.

A assessoria jurídica do sindicato participou do encontro e analisa todos os ofícios e documentações passadas pela direção do IGEO ao gabi-

nete do reitor e às pró-reitorias de Graduação e Gestão e Governança.

Na próxima segunda-feira, dia 31, a AdUFRJ se reunirá com a administração central para tratar da demanda da comunidade acadêmica do Instituto de Geologia. “Queremos atuar junto à reitoria para que os professores do IGEO se sintam resguardados em seus direitos”, analisa Mayra. “Os docentes são duplamente vulnerabilizados, porque o transporte inadequado coloca em risco sua saúde e segurança e porque eles são responsáveis pelo conjunto de alunos”.

Diretor do instituto, o professor Edson explica que pediu ajuda à AdUFRJ porque as condições do veículo põem em risco a integridade física não só dos estudantes, mas dos trabalhadores que garantem as saídas para o campo. “A UFRJ infelizmente não está nos garantindo condições de trabalho para que nós, professores e técnicos, exerçamos o nosso trabalho”, diz. “Se um veículo quebra na estrada, esse evento é um potencial risco à vida de todos que estão envolvidos na viagem”.

O professor Edson Mello conta que desde 2019, quando assu-

miu a primeira gestão do instituto, aponta a precariedade da frota da UFRJ. “Naquela época os veículos já não tinham condições de realizar essas viagens. Seis anos depois, temos os mesmos veículos em condições ainda piores”, critica.

De acordo com o docente, não há, também, garantias de formação para os estudantes. No caso da Geologia, por exemplo, 25% da carga horária do curso é composta por atividades de campo. “Sem esses 25%, não há como o aluno integralizar o seu curso”, observa o diretor. O estudo da diversidade geológica

brasileira, tanto para ensino, coleta de dados e pesquisa, também é apontado como essencial pelo diretor do IGEO. “Não há possibilidade de um estudante se formar observando somente a formação geológica do Rio de Janeiro”, diz. “Estamos falando de um país continental, que possui formações geológicas múltiplas”, explica. “Há mina de diamante no Rio? De ouro? Não. Nós temos que ir aonde elas estão, por isso nossas viagens são mais longas e a logística se torna mais complexa”, justifica.

Filme 'O Mensageiro' alerta para o terror das ditaduras

> Longa de Lucia Murat aborda os horrores do regime militar. Exibição no Cine Cidadania ocorreu durante o 1º dia de julgamento de Jair Bolsonaro por tentativa de golpe de Estado e outros crimes

RENAN FERNANDES
comunica@adufjr.org.br

Em dezembro de 1968, o AI-5 interrompeu a trajetória de Lucia Murat como estudante do Instituto de Economia da UFJR. Lucia foi presa durante o Congresso da UNE em Ibiúna (SP), e ingressou na luta armada. “Faz mais de 50 anos que não pisava aqui nesse campus”, lembrou a cineasta, na terça-feira (25), após a exibição de seu mais novo filme, “O Mensageiro”, na edição especial do Cine Cidadania, no auditório Professor Manoel Maurício Albuquerque, na Praia Vermelha. O evento, promovido pelo Fórum de Ciência e Cultura (FCC) e pela Universidade da Cidadania, debateu o tema das lutas e resistências femininas em homenagem ao mês das mulheres.

A ocasião tornou-se ainda mais simbólica por acontecer no dia em que o STF iniciou o julgamento das denúncias que levaram Bolsonaro e outros sete aliados — entre eles, cinco militares de alta patente — ao banco dos réus por tentativa de golpe de Estado, entre outros crimes.

“É simbólica a exibição deste filme no dia em que defensores de torturadores estão sendo julgados por seus crimes”, exaltou a professora Christine Ruta, coordenadora do FCC.

A professora Eleonora Ziller, diretora da Universidade da Cidadania, fez coro às celebrações pelo julgamento inédito na história do Brasil. “Onde estaríamos se o 8 de janeiro não tivesse fracassado? A que nível de agressividade, de potência autoritária nós estaríamos submetidos?”, questionou.

O MENSAGEIRO

No longa, a história da protagonista Vera é inspirada na vida da própria diretora. A narrativa acompanha a força da jovem militante para resistir às torturas e a resiliência de sua mãe, Maria, que desafia as amarras impostas pelo patriarcado.

Num cenário de total falta de informação sobre o paradeiro da filha, Maria constrói uma relação de amizade com um recruta, Armando, o carcereiro de Vera que assume o papel de mensageiro. “Pensar no mensageiro é pensar na possibilidade de diálogo com o outro. Havia uma demonstração de humanidade em meio a todo aquele horror”, explicou Murat.



MEMÓRIAS Debate reuniu (da esq. para a dir.) Dulce Pandolfi, Christine Ruta, Lucia Murat (também abaixo), Andrea Queiroz e Eleonora Ziller



A historiadora Dulce Pandolfi, assessora da Universidade da Cidadania, comentou ao final da exibição que também teve um mensageiro enquanto esteve presa e que ele possibilitou o envio de uma carta para sua família, no Recife. “A ambiguidade naquele ambiente era enorme. A perversidade dos torturadores ia tomando conta dos jovens soldados que muitas vezes eram boas pessoas”, lembrou.

O tema da ditadura é recorrente na obra de Murat. Em quatro décadas de carreira, dirigiu obras importantes como “Que

bom te ver viva”, “Quase dois irmãos” e “A memória que me contam”. “Faço filmes em função das minhas angústias. Cada filme que faço sobre a ditadura fala também da época em que foi feito”, revelou Lucia.

A motivação da cineasta neste último trabalho foi a percepção de uma crescente polarização na sociedade brasileira nos últimos anos. “Esse filme surgiu da necessidade de discutir porque mais de 50 milhões de brasileiros votaram num cara que defende a ditadura”, pontuou.

Murat é defensora do diálogo

e citou Hannah Arendt no longa para falar sobre o perdão. Contudo, a cineasta reforça que perdoar não é esquecer. Após os créditos finais do filme, uma lembrança dolorosa aos espectadores. “Enquanto na Argentina, 1.125 torturadores foram condenados por crimes contra a humanidade, no Brasil, passados 38 anos do fim da ditadura, nenhum ditador nem torturador foi levado a julgamento”, diz a mensagem sobre um fundo preto representando o luto.

Eleonora Ziller destacou a perspectiva didática da obra

na abordagem do tema, sem cair em uma perspectiva rasa. “É profundo e necessário, uma pedagogia de reeducação sobre o significado dessa fase da nossa história”, comentou a docente.

Após a exibição, a mesa de debate composta por quatro mulheres discutiu a força feminina na resistência ao regime.

A historiadora Andrea Queiroz, diretora da Divisão de Memória Institucional do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFJR, pesquisa os impactos do regime militar na universidade.

Entre os 45 professores casados na universidade, Queiroz destacou a forma como as mulheres eram tratadas nos dossiês. “Eram comuns termos pejorativos, um olhar de vulgarização e objetificação. Grandes intelectuais como Eulália Lobo, Maria Yedda Linhares e Marina São Paulo de Vasconcelos eram tratadas como ‘vagabundas’ que ensinavam orgias”, disse.

Murat também recordou seu relatório da ABIN. “Minhas anotações eram: assalto a banco, roubo de carro, vários amantes. Tudo no mesmo patamar”, recordou rindo.

O contexto de terror imposto pelo regime militar foi a fagulha para muitas mulheres descobrirem uma força interior “Aqueles mulheres da geração das nossas mães, que eram donas de casa subservientes aos maridos, tiveram que mudar para proteger seus filhos”, apontou a cineasta, lembrando também de Eunice Paiva e do filme “Ainda estou aqui”.

Professora emérita da UFJR e integrante da Academia Brasileira de Letras, a escritora e pesquisadora Heloisa Teixeira faleceu nesta sexta-feira (28), aos 85 anos. Com vasta produção acadêmica, Heloisa era reconhecida como uma das maiores pensadoras do feminismo brasileiro, e seus estudos nos campos das Letras e da Comunicação são referências nos cursos de graduação e pós-graduação. Nos últimos tempos, a professora dirigia o Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-Letras/UFJR), onde coordenava o Laboratório de Tecnologias Sociais, do projeto Universidade das Quebradas, e o Fórum M, espaço de debates sobre a questão da mulher na universidade.

“Que tristeza. Agora a saudade vai invadir as Quebradas”, lamentou o professor Fernando Santoro, diretor do IFCS, ao saber da morte de Heloisa. Criada em 2009, a Universidade das Quebradas (UQ), projeto abraçado por Heloisa, é um laboratório de tecnologia social com mais de 800 participantes e se baseia na troca de saberes entre as comunidades, que produzem cultura fora das universidades, e a comunidade acadêmica. Entre suas múltiplas atividades, Heloisa tinha especial atenção à cultura produzida nas periferias das grandes cidades.

A professora Lilia Schwarcz, pesquisadora da USP, falou com saudade da amiga. “Acaba de nos deixar a querida Helô Teixeira. Ela deve estar agitando essa outra dimensão em que hoje está. E dando uma série de ideias para revolucionar tudo o que encontrar. Pois Helô era assim, uma pessoa sempre à frente do seu tempo. Uma visionária, uma revolucionária. Era também uma mulher inclusiva e plural. Foi ela que me ensinou a ser feminista, a querer sempre mais e a não me acomodar. Numa nota pessoal, preciso dizer que ela me inventou como pesquisadora acadêmica, nos idos de 1988. Inventou que cobriria as manifestações sobre o centenário da abolição em São Paulo. Ela era assim. Um furacão de conteúdo e ativismo”, contou Lilia.

Secretária municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio, a professora Tatiana Roque também lembrou o papel de Heloisa como desbravadora de caminhos. “Uma intelectual insubstituível que soube, como ninguém, levar a universidade para as quebradas, como ela gostava de dizer, e criou essa iniciativa linda: a Universidade das Quebradas. Heloisa entendia que o maior potencial que nós temos na universidade são as pessoas que vêm de diferentes territórios e que conseguem, nessas conexões de pensamento, criar o novo. E ela sempre incentivou e apoiou de todas as formas possíveis”, disse Tatiana.

Ex-aluna doutorado e colega de Heloisa na Escola de Comunicação da UFJR, a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes, pontuou que a pesquisadora inovou também em termos de linguagem: “Te agradeço por todas as portas abertas, todas as vezes que vi e parou para ouvir tudo que emerge e se move. Com você aprendi que a pesquisa pode ser desengessada, ágil e falar a linguagem de todos. Um ensaísmo pop que nos liberta do acadêmicos e nos autoriza a pensar sem amarras. Um privilégio ter sido tua contemporânea, estar nesse mesmo tempo que conecta muitas gerações e mundos!”.



HELOISA TEIXEIRA. 1939-2025

A SAUDADE VAI INVADIR AS QUEBRADAS

Ivana destacou a importância de Heloisa na conexão entre as periferias e a universidade. “Heloisa criou e participou da Universidade das Quebradas, um programa de extensão na UFJR que trouxe a produção cultural e de pensamento das periferias para o diálogo acadêmico. Mostrando quanto a extensão universitária pode impactar na vida da cidade e da produção de conhecimento”.

Paulista de Ribeirão Preto, Heloisa nasceu que foi eleita para ocupar a 30ª cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL), sucedendo Nélida Piñon, Heloisa tomou a decisão de trocar o sobrenome que herdara de seu primeiro companheiro, o advogado e galerista Lula Buarque de Holanda, já falecido, pelo sobrenome materno: Teixeira.

A AdUFJR se solidariza à família e aos amigos de Heloisa, e enaltece seu legado para a Educação e a Cultura brasileiras.



Helô, querida! Helô Teixeira, Helô Buarque de Holanda e todos os nomes que quisermos!

Te agradeço por todas as portas abertas, todas as vezes que vi e parou para ouvir tudo que emerge e se move. Com você aprendi que a pesquisa pode ser desengessada, ágil e falar a linguagem de todos.

Um ensaísmo pop que nos liberta do acadêmicos e nos autoriza a pensar sem amarras.

Um privilégio ter sido tua contemporânea, estar nesse mesmo tempo que conecta muitas gerações e mundos!

Tive o prazer de conviver com Heloisa na Escola de Comunicação da UFJR nos melhores anos, como sua aluna no doutorado, depois como colega na Escola de Comunicação, como pesquisadora do grupo de estudos culturais, na pesquisa sobre a emergência da produção cultural que vinha das periferias, nos mapas e inventários das mulheres ensaístas brasileiras.

Heloisa criou e participa da Universidade das Quebradas, um programa de extensão na UFJR que trouxe a produção cultural e de pensamento das periferias para o diálogo acadêmico. Mostrando quanto a extensão universitária pode impactar na vida da cidade e da produção de conhecimento.

Um beijo para tua nova vida na memória de todos!



IVANA BENTES